

A HESITAÇÃO: UM FATOR DE PROCESSAMENTO LINGÜÍSTICO NO TEXTO FALADO

Carmen Elena das Chagas (UFF)
(carmenelena@bol.com.br)

RESUMO

Este texto tem como objetivo analisar casos de processamento textual pelo emprego da estratégia de formulação – Hesitação – tendo como pressupostos teóricos os princípios da Linguística Textual e da Análise do Discurso, sob a ótica da Referenciação. O *corpus* para a pesquisa é oriundo de gravações em interação face a face, constituindo um inquérito entre um documentador e 30 falantes, de sexo diferenciado, do 9º ano de escolaridade – 8ª série, cuja faixa etária é dos 14 aos 17 anos, de uma escola pública – CIEP Municipalizado 465 – Dr. Amílcar Pereira da Silva, no município de Quissamã (RJ). Dessa forma, construir o texto falado é proporcionar-lhe o planejamento, na medida em que se apresenta o processo de formulação e, conseqüentemente, acontece a progressão referencial do texto por meio da interação mútua entre os interlocutores.

Palavras-chave: hesitação; processamento referencial; texto falado.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos de referenciação, especialmente, têm-se dedicado a entender o processamento cognitivo. Isso ocorre quando se procura compreender como o conhecimento de mundo é ativado para a construção do sentido e como a memória pode influenciar nesse processo. No lugar de identificar uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade que constitui as categorias cognitivas e lingüísticas, bem como os seus processos de estabilização.

A referenciação é um problema de decisão de dependência que se coloca para os atores sociais e como eles o solucionam, selecionando uma categoria em vez de outra dentro de um contexto dado. Essa referenciação pode ser vista como um processo de construção de um caminho que liga denominações aproximadas que não são excluídas pela última seleção.

Uma interação organiza-se em tópicos, desenvolvidos pelos interlocutores do ato comunicativo. Esses tópicos são definidos

segundo uma perspectiva discursiva, a partir de traços importantes como a centração e a organicidade.

A estrutura tópica serve como um fio condutor de organização discursiva, constituindo um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes na determinação dos núcleos comuns e para demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversação se estrutura. Há uma linearidade na construção do tópico discursivo, que garante a organicidade da interação, pois o conjunto de relevâncias em foco em dado momento vai cedendo lugar a outros conjuntos de relevâncias, ligadas a aspectos antes marginais do tópico em desenvolvimento ou a novos conjuntos de mencionáveis que vão sendo introduzidos a partir dos já existentes.

A respeito dessa interação, pode-se pensar que o falante não está só interessado em trazer informações velhas ou novas, mas em desfazer crenças do ouvinte, pois, quando os interlocutores tendem a não compreender a informação a ser transmitida, isso pode gerar um momento de desvio do tópico, porque o objetivo comunicativo não se encaminhará para o esperado.

O produtor de um texto cumpre regras gerais de coerência e usa um número elevado dessas estratégias ou desses procedimentos eficientes para conseguir alcançar a coerência. Essas articulações cognitivas e sociais podem desenvolver pequenos cortes interpretativos quando o interlocutor se desvia do tópico ou quando algum turno parece incoerente com o turno anterior. O falante pode reagir quando uma tomada de turno anterior for brusca, pode acrescentar algum detalhe explicativo sobre um assunto ou usar uma troca de turno para uma ratificação. Tais estratégias fazem parte de um conjunto de elos comunicativos e interacionais usados para alcançar certos objetivos comunicativos.

A progressão textual pode se realizar por meio de atividades formulativas em que os interlocutores optam por introduzir no texto recorrências de variados tipos. No dizer de Rath (1979: p. 20), “o processo da construção textual com todos os seus desvios, reinícios, repetições e correções e é diretamente observável” Ou como diz Antos (1982: p. 183), o texto falado mantém explícitos todos os traços de seu *status nascendi*.

A interação comunicativa permite aos interlocutores do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar *on line* ou *a posteriori* conflitos efetivamente ocorridos. Isso ocorre por meio da introdução no texto de sinais de articulação ou de apoio textual e pela realização de atividades específicas como o emprego da hesitação.

A hesitação constitui uma evidência de que a fala é uma atividade administrada passo a passo e que planejamento e verbalização simultâneos têm consequência no controle do fluxo informacional. Assim, essa estratégia possui papéis importantes na fala, pois atua como uma atividade textual-discursiva no plano da formulação do texto. “A hesitação é a presença de atividades discursivas na materialidade lingüística, evidenciada numa transcrição fiel da fala” (Marcuschi, 1999, p. 169-170).

CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

O *corpus* oral para esta dissertação é proveniente de 03 (três) horas de gravação, feita no ano de 2005, por meio de interação face a face e se constitui de um inquérito formado por um diálogo entre documentador (professor) e 30 falantes (alunos), cuja faixa etária é dos 15 aos 17 anos, de sexo diferenciado (15 meninas e 15 meninos), cursando o 9º ano de escolaridade (8ª série) do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal – CIEP Municipalizado 465 –Dr. Amílcar Pereira da Silva, em Quissamã (RJ). No decorrer da análise do texto, os alunos serão identificados como L1 (locutor 1) L2 (locutor 2), L3 (locutor 3) e assim sucessivamente. Esse *corpus* está dividido em oficinas e cada uma delas subdivida em unidades entonacionais.

ANÁLISE

A hesitação é parte da competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral e não uma disfunção do falante.

(1)

L1 posso fazer uma pergunta? o que você tá::: pensando?
(risadas)

Doc.: a próxima **per/ vocês** vão pensar na próxima pergunta pra

responder

L6 na bola de basquete (ininteligível) Michel Jordan

Nesse exemplo, o documentador percebe o problema na fala, isto é, uma indecisão na construção sintática e tenta solucioná-lo antes do término da mesma.

Blanche-Benveniste (1990, p. 160) postula que a repetição hesitativa, por exemplo, é um fato fundamental na modalidade oral e diz respeito à “construção da denominação”. Isso nos leva a concordar com a afirmativa de que “os referentes dos quais o discurso fala não são dados adiantamento, mas construídos por aproximação sucessivas no discurso” (Marcuschi, 1999, p. 160-161).

A hesitação tem como característica fundamental o fato de indicar evidentes cortes da fala, em pontos não previstos por fatores sintáticos ou prosódicos aleatórios, mas não formando uma dicotomia entre fluência discursiva e continuidade. As hesitações podem apresentar determinados fenômenos tais como:

a- fenômenos prosódicos que são pausas prolongadas e alongamentos vocálicos;

(2)

L5 depois que eu vi a pessoa não era aquilo sabe?

L6 ano passado

L5 a gente até acaba assim :::

a gente até acaba assim por merecer

(3)

Doc.:gostou do rótulo?

L8 gostei

só não gostei de balançar a cabeça

Mas::: tá certo ... irresponsável

balançar a cabeça pra mim se eu fosse

como não sou ... eu não gostei

L5 e L8 apresentam dificuldades no processamento lingüístico, mas utilizaram as pausas (...) e o alongamento da vogal (:::) para conseguir retomar o pensamento, demonstrando uma certa hesitação na construção.

b- expressões hesitativas aparecem com o objetivo de dar tempo ao locutor para formular sua construção;

(4)

Doc.:L4

L4 professora ... **oh ... oh :::**

Doc.: qual é palavra?

L4 meu rótulo ... mandão

(5)

Doc.: você gostou do que eles fizeram?

L1 **ah ...** que com você ... **oh** que esse falador ...
todo mundo fala que eu sou muito faladora

(6)

L12 não **ah** decote todas aqui tem a de vermelho

[
L8 não é um decote não

(7)

Doc.: o que pode alimentar o ser humano?

L18 **ah** alimentar é... comida ... é os estudos ...
é ser alguém na vida

c- marcadores conversacionais
acumulados.

Observe o exemplo (44):

(8)

L1 **bom ... assim :::** mas o sinal de silêncio ...
era pra mim ficar quieto e calar a boca

(9)

L4 o rótulo ... eu posso até concordar ... **assim...**
em parte...**assim:::** eu sou uma pessoa...
só que virar as costas é meio radical ... professora

(10)

L1 **a:::h,** quando eu começo ... **entendeu?**

(11)

L4 a pensar alguma coisa

[
Doc.:a pensar alguma coisa do outro que não seja
o que que vocês acham disso?

L4 às vezes **eu acho:::**

L6 na sala de aula já aconteceu mu/muito isso

L9 eu me lembro disso

L4 eu também

L5 depois eu vi que a pessoa não era aquilo... **sabe?**

A importância dos marcadores “assim”, “*eu acho*”, “sabe” e “entendeu”, nesses exemplos, consiste em fazer a manutenção do tópico em curso, não deixando também que o interlocutor assalte o turno no momento de hesitação. Com essas estratégias os locutores conseguiram concluir o raciocínio, pois “o falante produz hesitações para busca de foco” (Chafe, 1985, p. 71).

Dessa forma, a função da hesitação é a de perceber os problemas de um processamento em curso mais do que o de sugerir alternativas de formulação textual-discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi contribuir para uma análise da linguagem oral, identificando possíveis regularidades no emprego da estratégia de formulação, hesitação, na progressão do texto falado.

Em relação às estratégias de formulação do texto, pode-se afirmar que elas têm, no desenvolvimento do texto falado, a função geral de garantir a intercompreensão conversacional, proporcionando uma melhor progressão textual, ora explicitando e especificando, ora resumindo ou denominando informações, bem como adequando termos ou apontando-lhes outros sentidos no texto.

De forma geral, constatei a viabilidade de uma conclusão positiva da estratégia hesitação, em princípio, apresentada como uma desestruturação do discurso oral, mas na verdade, ela se firmou como marcas de efetivação de estratégias comunicativas dos interlocutores, pois facilitaram a compreensão e, portanto, garantiram, assim, a interação bem como a progressão textual. Com efeito, nessa organização da conversação, há que se considerar a presença de uma seqüência de ações coordenadas entre si, por meio da estratégia de referenciação, com o objetivo de uma criação coletiva do texto, na medida em que os falantes e ouvintes construíram e reconstruíram o processamento e o pensamento lingüístico, visando ao entendimento do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTOS, Gerd. *Grundlagen einer theorie dès Formulierens*. Tübingen: Max Niemeyer, 1982.

CHAFE, Wallace. Some Reasons for Hesitaing. **In**. TANNEN, D. & SAVILLE-TROIKE, M. (eds.) *Perspectives on Silence*. Ablex, Norwood, New Jersey: 1985.

MARCUSCHI, Luiz A. A hesitação. **In**. NEVES, Maria Helena de M. (Org.) *Gramática do português falado. Novos estudos*. Vol. VII. São Paulo: Unicamp, 1999.

NEVES, Maria Helena de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

RATH, Reiner. *Kommunikationspraxis: Analysen zur Textbildung und Textgliederung im Gesprochenen Deusch*. Göttingen: Vandenhoeck e Ruprecht, 1979.